

# **D. QUIXOTE**

## **VOL. I**

**Cervantes**

**D. Quixote de La Mancha — Primeira Parte  
(1605)**

**Miguel de Cervantes [Saavedra]  
(1547-1616)**

**Tradução:**

**Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809-1876)**

**Conde de Azevedo**

**Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875)**

**Visconde de Castilho**

**Edição**

**eBooksBrasil**

**www.ebooksbrasil.com**

**Versão para eBook**

**eBooksBrasil.com**

**Fonte Digital**

**Digitalização da edição em papel de Clássicos Jackson, Vol. VIII**

**Inclusões das partes faltantes confrontadas com a edição em espanhol da eBooksBrasil.com  
(1999, 2005)**

**Copyright**

**Autor: 1605, 2005 Miguel de Cervantes**

**Tradução**

**Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho**

**Antônio Feliciano de Castilho**

**Capa: Honoré-Victorin Daumier (1808-1879)**

**Retrato de Cervantes: Eduardo Balaca (1840-1914)**

**Edição: 2005 eBooksBrasil.com**

# ÍNDICE

Nota do Editor

D. Quixote

(em comemoração de seu quarto centenário)

Teotonio Simões

D. Quixote

(em comemoração de seu terceiro centenário)

Rudolf Rocker

D. QUIXOTE

Taxa

Testemunho das Erratas

O Rei

Ao Duque de Béjar

PRÓLOGO

AO LIVRO DE D. QUIXOTE DE LA MANCHA

Urganda a desconhecida

Amadis de Gaula a D. Quixote de la Mancha

D. Belianis de Grécia a D. Quixote de la Mancha

A Senhora Oriana a Dulcinéia del Toboso

Gandalim, escudeiro de Amadis de Gaula, a Sancho Pança, escudeiro de D. Quixote

Do Donoso, Poeta Entreverado, a Sancho Pança e Rocinante

Orlando Furioso a D. Quixote de la Mancha

O Cavaleiro do Febo a D. Quixote de la Mancha

De Solisdão a D. Quixote de la Mancha

Diálogo entre Babiéca e Rocinante

D. Quixote de la Mancha:

Capítulo I

Que trata da condição e exercício do famoso fidalgo D. Quixote de La Mancha.

Capítulo II

Que trata da primeira saída que de sua terra fez o engenhoso D. Quixote.

Capítulo III

No qual se conta a graciosa maneira que teve D. Quixote em armar-se cavaleiro.

Capítulo IV

Do que sucedeu ao nosso cavaleiro saindo da venda.

Capítulo V

Em que se prossegue a narrativa da desgraça do nosso cavaleiro.

Capítulo VI

Da curiosa e grande escolha que o padre cura e o barbeiro fizeram na livraria do nosso engenhoso fidalgo.

Capítulo VII

Da segunda saída do nosso bom cavaleiro D. Quixote de la Mancha.

Capítulo VIII

Do bom sucesso que teve o valoroso D. Quixote na espantosa e jamais imaginada aventura dos moinhos de vento, com outros sucessos dignos de feliz recordação.

Capítulo IX

Em que se conclui a estupenda batalha que o galhardo biscaíno e o valente manchego tiveram.

Capítulo X

Graciosas práticas entre D. Quixote e seu escudeiro Sancho Pança.

Capítulo XI

Do que a D. Quixote sucedeu com uns cabreiros.

Capítulo XII

Do que referiu um cabreiro aos que estavam com D. Quixote.

#### Capítulo XIII

Em que se dá fim ao caso da pastora Marcela, com outros sucessos.

#### Capítulo XIV

Onde se põem os versos desesperados do pastor defunto, com outros imprevistos sucessos.

#### Capítulo XV

Em que se conta a desgraçada aventura, que a D. Quixote ocorreu com uns desalmados iangueses.

#### Capítulo XVI

Do que sucedeu ao engenhoso fidalgo na venda que ele imaginava ser castelo.

#### Capítulo XVII

Em que se prosseguem os inumeráveis trabalhos, que o bravo D. Quixote e seu escudeiro Sancho Pança passaram na venda, que o fidalgo por seu mal cuidara ser castelo.

#### Capítulo XVIII

Onde se contam as razões que passou Sancho Pança com seu senhor D. Quixote com outras aventuras dignas de ser contadas.

#### Capítulo XIX

Das discretas razões que Sancho passava com o amo e da aventura que lhes sucedeu com um defunto, e outros acontecimentos famosos.

#### Capítulo XX

Da nunca vista nem ouvida aventura que jamais cavaleiro algum famoso no mundo acabou, e a concluiu, quase sem perigo, D. Quixote de la Mancha.

#### Capítulo XXI

Que trata da alta aventura e preciosa ganância do elmo de Mambrino, com outras coisas sucedidas ao nosso invencível cavaleiro.

#### Capítulo XXII

Da liberdade que D. Quixote deu a muitos desafortunados, que iam levados contra sua vontade onde eles por si não queriam ir.

#### Capítulo XXIII

Do que ao famoso D. Quixote sucedeu em Serra Morena, que foi uma das mais raras aventuras contadas nesta verdadeira história.

#### Capítulo XXIV

Em que se prossegue a aventura da Serra Morena.

#### Capítulo XXV

Que trata das estranhas coisas que em Serra Morena sucederam ao valente cavaleiro da Mancha, e da imitação que fez da penitência de Beltenebrós.

#### Capítulo XXVI

Onde se prosseguem as finezas que de enamorado fez D. Quixote em Serra Morena.

#### Capítulo XXVII

De como se houveram o cura e o barbeiro, com outras coisas dignas de ser contadas nesta grande história.

#### Capítulo XXVIII

Que trata da nova e agradável aventura sucedida na mesma serra ao cura e ao barbeiro.

#### Capítulo XXIX

Que trata do gracioso artifício e ordem que se teve em tirar o nosso amorado cavaleiro da muito áspera penitência em que se havia posto.

#### Capítulo XXX

Que trata da discrição da formosa Dorotéia, com outras coisas de muito sabor e passatempo.

#### Capítulo XXXI

Das saborosas conversações que houve entre D. Quixote e o seu escudeiro com outros sucessos.

#### Capítulo XXXII

Que trata do que na venda sucedeu a todo o rancho de D. Quixote.

#### Capítulo XXXIII

Onde se conta a novela do curioso impertinente.

Capítulo XXXIV

Em que se prossegue a novela do curioso impertinente.

Capítulo XXXV

Em que se trata da grande e descomunal batalha que teve D. Quixote com uns odres de vinho tinto, e se dá fim à novela do curioso impertinente.

Capítulo XXXVI

Que trata de outros sucessos raros que na taverna sucederam.

Capítulo XXXVII

No qual se prossegue com a história da famosa infanta de Micomicão, e de outras graciosas aventuras.

Capítulo XXXVIII

Em que se continua o discurso que fez D. Quixote sobre as armas e as letras.

Capítulo XXXIX

Onde o cativo conta a sua vida e sucessos dela.

Capítulo XL

No qual se conta a história do cativo.

Capítulo XLI

No qual o cativo continua a sua história.

Capítulo XLII

Em que se trata do mais que sucedeu na estalagem, e de outras coisas dignas de serem conhecidas.

Capítulo XLIII

Onde se conta a agradável história do moço das mulas com outros estranhos sucessos acontecidos na venda.

Capítulo XLIV

Onde se prosseguem os inauditos sucessos da venda.

Capítulo XLV

Onde se acaba de averiguar a dúvida do elmo de Mambrino e da albarba, e de outras aventuras sucedidas com toda a verdade.

Capítulo XLVI

Da notável aventura dos quadrilheiros, e da grande ferocidade do nosso bom cavaleiro D. Quixote.

Capítulo XLVII

Do modo estranho como foi encantado D. Quixote de la Mancha, com outros sucessos.

Capítulo XLVIII

Onde prossegue o cônego no assunto dos livros de cavalaria, com outras coisas dignas do seu engenho.

Capítulo XLIX

Onde se trata do discreto colóquio que Sancho Pança teve com seu amo D. Quixote.

Capítulo L

Das discretas alterações que D. Quixote e o cônego tiveram, com outros sucessos.

Capítulo LI

Que trata do que contou o cabreiro a todos os que levavam D. Quixote.

Capítulo LII

Da pendência que teve D. Quixote com o cabreiro, com a rara aventura dos penitentes, a que felizmente deu fim à custa do seu suor.

## Nota do Editor

*“Mas você devia respeitar esta edição, que é rara e preciosa. Tenha lá as idéias que quiser, mas acate a propriedade alheia. Esta edição foi feita em Portugal há muitos anos. Nela aparece a obra de Cervantes traduzida pelo famoso Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo.” — Monteiro Lobato, D. Quixote das Crianças(\*)*

Depois de Emília ter apagado um dos dois “a” de Saavedra, foi, a acima, a observação de D. Benta. Advertência não respeitada por muitas edições de D. Quixote, inclusive a que digitalizamos. Nela, omitiu-se, pura e simplesmente, o crédito ao Visconde de Azevedo que, por sinal, morreu Conde(\*\*). E como Conde morreu, ao Conde de Azevedo, e não ao Visconde de Azevedo, se dá aqui o crédito.

Por que se atribuiu a tradução, ela toda, a Antônio Feliciano de Castilho? Sabe-se lá... Talvez por ser, então, nome mais popular e de maior apelo mercantilista...

Que se tenha tirado as partes Preliminares (recuperadas nesta edição), até se poderia entender por economia de papel... Mas deixar de dar o crédito a quem coube a maior parte do trabalho... é proceder como a Emília que achava estar sobrando um dos “as” de Saavedra:).

Para gáudio dos bibliófilos, e à guisa de informação, transcreve-se o texto abaixo, do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas:

“Mas dois outros motivos dão particular pertinência à evocação, pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, do 4º centenário da publicação do Quixote:

A circunstância de o livro, se bem que publicado em castelhano e como tal ser antes de mais património da cultura manchega e espanhola, denotar em todo o caso uma sensível atenção à literatura portuguesa. Porque Cervantes nele presta inequívoca homenagem a textos da literatura portuguesa, como a Diana (1558) de Jorge de Montemor – segundo lição de Afonso Lopes Vieira, in Prefácio à edição de 1924 (cf. Afonso Lopes Vieira, Diana de Jorge de Montemor, Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 1974) daquela singular novela pastoril, “Imitam-na com grandiloquência Lope de Vega e Cervantes, que no Dom Quixote a salva do fogo purificador da livraria cavaleiresca do bom senhor Alonso Quixada e lhe confere “la honra de ser primero em semejantes libros” –; o Palmeirim de Inglaterra (1547), de Francisco de Moraes (“por si es mui bueno”); as “églogas del excelentíssimo Camões”. Maria Fernanda de Abreu, obstinada estudiosa da obra de Cervantes e da sua recepção em Portugal, aponta a este respeito a importância de a Diana ser identificada no Quixote como modelo de pastoral ou novela pastoril, ao passo que o Palmeirim o é como modelo de livro de cavalarias.

A necessidade de um registo, que deve assumir-se, também ele, como homenagem, das cerca de uma dezena de traduções, ao longo dos tempos, do texto do Quixote, ou, para as referir de forma mais rigorosa, das suas interpretações ou versões; à parte o tratamento grotesco do tema por António José da Silva na Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança, que, glosando o tema, versa em todo o caso outra realidade histórica e social, outro universo de interditos - que lhe valeram aliás a perseguição pela Inquisição -, e não pode por isso ser classificado no âmbito das suas traduções, delas se destaquem, conforme recomenda Maria Fernanda Abreu: uma primeira tradução, anónima, datada de 1794; a tradução que mais tem circulado, dos Viscondes de Castilho e Azevedo (António Feliciano de Castilho tinha a sua parte da tarefa em mãos quando morreu), com prefácio de Pinheiro Chagas(\*\*\*), notável como texto erudito e crítico do sec. XIX; a

versão de Aquilino Ribeiro (em 1954-55), tão popularizada quanto contestada, justamente pela liberdade de interpretação do texto original; e, de entre os contemporâneos, a serem muito proximamente publicadas, por ocasião das comemorações de 2005, as traduções de José Bento e de Miguel Serras Pereira.”

A presente edição, em eBook, teve por base a digitalização dos volumes VIII e IX da coleção Clássicos Jackson, com a inclusão das partes acima referidas. A ortografia foi “abrasileirada”, mas foram conservados todos os vocábulos, por mais arcaicos que fossem, por respeito aos tradutores e, mais, por respeito à própria língua portuguesa.

eBooksBrasil  
Abril, 2005

## Notas

(\*) — Sobre este episódio, ver a tese de ELIANE SANTANA DIAS DEBUS, *O Leitor, Esse Conhecido: Monteiro Lobato e a Formação de Leitores*, Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Teoria Literária. DATA DE DEFESA: 18/01/2001 - De particular interesse, o Capítulo 2 - Todos os Caminhos Levam à Leitura. Disponível na internet, em [www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Eliane](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Teses/Eliane)

(\*\*) — O Visconde de Castilho se chamava António Feliciano de Castilho. O Visconde de Azevedo, Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho. A biografia de Castilho é facilmente encontrada na web [p.ex: <http://bnd.bn.pt/ed/castilho/>] e mesmo nos dicionários e enciclopédias. A do Visconde de Azevedo, a quem, tudo indica, coube a maior parte da tradução, ou pelo menos a revisão final da tradução, visto Castilho ter morrido enquanto se dedicava a traduzir a parte que lhe cabia, é mais difícil de se achar. Por isso, abaixo, alguns dados biográficos colhidos na web:

”Francisco nasceu na Casa de Marrancos, em Vila Verde, a 21 de Fevereiro de 1809, e faleceu, na sua Casa de Santo António do Penedo, no Porto, a 25 de Dezembro de 1876. Foi Moço Fidalgo na Casa Real com exercício no Paço, por Alvará de 9 de Setembro de 1846, primeiro Visconde de Azevedo, por carta concedida pela rainha D. Maria II, em 19 de Agosto de 1846, elevado à grandeza de Conde, por Decreto de 23 de Novembro e Carta de 5 de Dezembro de 1876, passada pelo rei D. Luís I, poucos dias antes da sua morte. O opulento fidalgo foi Senhor dos Solares de Azevedo, dos Pinheiros, em Barcelos, e do de Marrancos, dos Morgados dos Coelhos de Vila do Souto de Riba-de-Homem e do de Pouve, do Couto de Mazarefes, das herdades de Paradela e Castro. A instâncias do Visconde de Santa Marta, em 25 de Abril de 1832, tomou posse do cargo de coronel-comandante dos Voluntários Realistas, que se achavam em Viana. Passou, com o seu batalhão a fazer parte da quarta Divisão Realista e, depois, da Coluna Móvel ao Norte do Douro, sendo agraciado com o hábito da Torre-e-Espada e com a comenda da Ordem de Cristo.

Comandou, durante algum tempo, a brigada que guarnecia a extrema esquerda nas linhas do exército realista. Foi, depois, com a divisão do General João Gouveia Osório para o Campo Maior. Aí se achava aquando da convenção de Évora Monte. Nunca tomou parte nem se envolveu em perseguições políticas.

Em Dezembro de 1843, foi viver para Braga e, só depois de outra, muito instado por Silva Passos e Teixeira de Vasconcelos, se resolveu a auxiliar o Partido Progressista na campanha eleitoral de 1845.

Em 29 de Maio de 1846, ainda os ânimos dos políticos estavam agitadíssimos pela revolta de Maria da Fonte, foi nomeado governador civil de Braga, lugar de que tomou posse em 1 de Junho de 1846, demitindo-se logo em 6 de Julho. A 11 de Outubro, ao realizarem-se as eleições para deputados no Porto, foi eleito pelos setembristas e cabralistas. Mas, entretanto, ocorreu uma revolta naquela cidade, onde se constituiu uma Junta Provisória do Supremo Governo do Reino, sob a presidência do Conde das Antas, e não se chegaram a reunir as câmaras legislativas. Foi ainda eleito deputado por Braga, na legislatura de 1851 e 1852.

O seu estado de saúde não lhe permitiu continuar a sua actividade política que abandonou para se consagrar aos seus trabalhos literários. Senhor de vasta cultura e de uma excelente biblioteca, foi tal o seu amor às obras antigas que algumas foram reeditadas numa tipografia que instalou no seu Solar de Azevedo. Foi também um assíduo e dedicado colaborador de Inocêncio Francisco da Silva na publicação do "Dicionário Bibliográfico Português". Em Maio de 1857, foi eleito sócio provincial da Academia Real das Ciências e, por proposta de Tomás Ribeiro, passou a sócio correspondente. Em 1870, vendeu o que restava em Paradela, apenas uma notável casa com torre e quinta, que pela acção de tempo e pela sua antiguidade, se encontrava arruinada. Comprou-a o abade de São João da Ribeira, padre João Coelho de Araújo, que não hesitou em demolir a torre, solarenga, para com a sua pedra construir paredes na Quinta. Por morte do abade, tão importante prédio e a quinta passaram para os seus herdeiros. O Conde de Azevedo casou, em 1827, com D. Maria José Carneiro da Grã Magriço, nascida a 6 de Agosto de 1804, filha herdeira de José Carneiro da Grã Magriço, Senhor das Casas de Balazar, na Póvoa de Varzim. e da de Rio Tinto, e de sua mulher D. Francisca Henriqueta Coelho Fiúza Ferreira Marinho Falcão Sotomaior, senhora da Quinta da Espinheira e da Casa dos Coelhos, em Vila do Conde.

Como não tinha geração, deixou por testamento a sua grande biblioteca ao seu primo, o segundo Conde de Samodães, Francisco de Azevedo Teixeira de Aguiar,(..).“

Fonte: Texto de: Porfirio Pereira da Silva in MAZAREFES - História: [www.freguesiasdeportugal.com/distritoviana/09/mazarefes/historia.htm](http://www.freguesiasdeportugal.com/distritoviana/09/mazarefes/historia.htm)

A magnífica biblioteca do Visconde de Azevedo, legada ao segundo Conde de Samodães, foi mais tarde vendida em um dos mais importantes leilões de livros acontecidos em Portugal (1921-22).

(\*\*\*) — Manuel Joaquim Pinheiro Chagas, 1842-1895 - NE

### **Don Quixote**

(Em comemoração de seu quarto centenário)

Ao comemorar os 300 anos do Quixote, escrevia Rudolf Rocker em 1905: “Vivemos num mundo de ciência positiva e nossos corações estão vazios e as almas murchas.” e também “O caminho para as estrelas foi esquecido; hoje o idealismo permanece tranqüilamente no solo e recolhe vermezinhas...”.

Cem anos se passaram, e estas palavras nunca foram tão atuais.

Mas as generalizações são perigosas e, acrescentaria Nelson Rodrigues, burras. Inclusive porque o próprio Quixote era uma exceção sonhadora em um mundo que já enterrava os sonhos

cavaleirosos e cavalleirescos.

Todas as vezes que li o D. Quixote, inclusive esta, li um D. Quixote diferente, porque em diferentes fases da vida. Dessa vez, pensei cá com meus botões: “acho que o entendi melhor”, porque já passei da idade em que ele resolveu sair ao mundo à cata de aventuras. Um pouco tardio, mas não serôdio, cá estou eu, agora e ainda, de lança em riste, contra os que confundem modernidade com o abandono de valores básicos, sem os quais não creio que a civilização persista ou, em persistindo, será como caricatura, sem que valha a pena.

Honra, decência, honestidade, empenho e respeito à palavra dada e, acima de tudo, sobretudo, fidelidade aos próprios sonhos, respeito a si mesmo. Valores que não deveriam ser, e não são, de esquerda ou de direita, mas civilizatórios. Todos valores que encontramos no D. Quixote e, aqui e ali, ainda nos que persistem, em uma época em que se diz que “o sonho acabou”. Pior, digo eu: “transformou-se em pesadelo”.

Que consigamos sair do pesadelo, e não pela morte, para que, ao se comemorar os quinhentos anos do Quixote, alguém possa escrever: “o sonho voltou e com ele a aventura e a ventura humanas. E o sonho é belo, porque agora é a realidade!”

Teotonio Simões  
Outono de 2005

### **Don Quixote**

(Em comemoração de seu terceiro centenário)

DON QUIXOTE, nobre cavaleiro da Mancha, amigo e protetor dos sofredores, amante da imortal Dulcinéia del Toboso e dono do fiel Rocinante: cobre teu rosto com ambas as mãos para que não se note sua vergonha ante a ofensa que acabam de infligir-te; porque nunca te ofenderam tanto como hoje, trezentos anos depois daquele dia inesquecível em que abandonaste pela primeira vez tua casa e teus amigos para percorrer o mundo em defesa da justiça e para fazer ressuscitar a fama eterna da cavalaria andante.

Muito padeceste em tua vida, grande cavaleiro da Triste Figura! Combateste uma batalha desesperada contra gigantes, mas afinal os gigantes eram apenas moinhos de vento e tiveste de pagar teu erro com a cabeça quebrada e alguns ossos partidos. Rústicos aldeões quebraram teus dentes cavalleirescos, pastores de ovelhas vulgares pisaram-te com seus pés, gente ingrata, incapaz de compreender a grandeza cavalleiresca, te encerrou numa jaula de madeira e te convenceu de que estavas encantado; até corrias o perigo de que em tua estranha clausura se sentisse o mau cheiro, e se não fosse o bom Sancho, a poesia de tua empresa heróica teria terminado num fato demasiado prosaico... Mas suportaste com paciência augusta, porque teu escudo estava branco e nenhuma mancha sujava tua honra de cavaleiro. Todo o mundo se ria então de tuas façanhas imortais, mas que importava o seu riso? Tu vivias em teu mundo próprio, mundo distinto do dos outros; cada acontecimento se apresentava ante ti em cores e imagens particulares e quem se atreveria a sustentar que tuas visões eram piores que as dos outros? Tu vias gigantes, enquanto Sancho só percebia moinhos de vento, e considerando-se que a verdade absoluta não existe, já que aquilo que denominamos verdade está sempre determinado por nossas condições subjetivas, por nossa convicção interior, tua opinião não foi pior que a do bom Sancho... Se tivesses contemplado o



mundo com os mesmos olhos que os outros homens, jamais terias sido Don Quixote; no entanto, devido precisamente a teres interpretado os fenômenos do mundo segundo tua própria maneira, teu nome se tornou imortal e tua imagem aparece em nossos corações tão fresca e vívida como há três séculos. Portanto, nada pôde agravar-te por ter visto e sentido de um modo distinto do de teus contemporâneos. Eles zombaram de ti, mas tu nem sequer os ouvistes: seu riso não teve eco em teu mundo.

Mas hoje, ah! hoje o quadro variou completamente. Hoje te admiram, valente cavaleiro da Triste Figura. Agora celebram teu terceiro centenário com sábios discursos e festas ruidosas. Os mercadores, Don Quixote, os traficantes, os filhos pervertidos de teu fiel criado Sancho, te admiram. Outrora eras grande porque os mercadores, os homenzinhos prudentes e práticos zombaram de ti, mas hoje, hoje celebram tua memória ocultando o quadro de tua grandeza luminosa com seus ventres avultados e suas almas grosseiras... Nem sequer te consultaram se estás de acordo com seus festejos, se agradam suas homenagens... Eles são os donos da vida, grande cavaleiro, eles, os traficantes, compraram a propósito várias fangas de aveia para o magro Rocinante, a fim de que não seja tão magro em meio de uma companhia tão gorda.

Ó, compreendo tua dor, cavaleiro imortal! Sei por que ocultas teu rosto com ambas as mãos: para que o mundo não veja a ofensa grave que te causaram. Acredita-me, nobre cavaleiro, que conheço teus pensamentos ocultos e participo completamente da dor de tua alma ofendida. Que o mundo se tenha rido de ti, que importava? Mas, que os mercadores festejem tua memória, que os ricos comerciantes de Madrid estabeleçam um prêmio de vinte mil pesetas para o que pinte o melhor retrato de ti, isto sim é doloroso, mais amargo que o fel... Eu não sei que classe de quadro vão fazer de ti, mas temo muito que representem o bom Rocinante como cavalo de cervejeiro e que a ti mesmo te ponham uma pança... Sim, grande cavaleiro, temo que o façam, porque nos tempos que correm já não se respeitam os ideais “magros”; no mundo dos mercadores até o idealismo engordou: não lhes nasceram asas, mas em compensação adquiriram um ventre respeitável... Que necessidade têm de asas? O caminho para as estrelas foi esquecido; hoje o idealismo permanece tranqüilamente no solo e recolhe vermezinhas...

Ó, nobre cavaleiro da Mancha! Tu travaste uma batalha contra gigantes e serpentes de fogo; os gigantes morreram a pouco e pouco, o fogo extinguiu e só ficaram as serpes, serpes — mercadoras, frias, escorregadiças que não podem contemplar o céu azul e o sol luminoso porque se arrastam através da vida como ladrões. Se te levantasses agora de teu túmulo e não voltasses a percorrer o mundo para realizar façanhas heróicas certamente deverias lutar com os mercadores, mais perigosos que os antigos gigantes...

Recordo ainda como se fosse a primeira vez que te conheci. Eu tinha então uns doze ou treze anos. Era uma noite de Natal; nós, as crianças, estávamos na cozinha aguardando com impaciência que a mãe bondosa abrisse a porta; estávamos impacientes, pois quem poderia adivinhar as surpresas que mamãe havia preparado para nós? E por fim abriu-se a porta do paraíso e todos corremos ao aposento com tanto ímpeto como se houvesse tratado de salvar a vida. As velas da árvore de Natal brilhavam com todas as cores e ao redor delas estavam distribuídas as coisas boas que mamãe havia comprado para nós e ocultado com tanto zelo durante toda a semana. Aí estava o meu lugar: uma pequena espingarda, um quepe, um teatro infantil, maçãs, nozes e diversos doces, e no meio de toda essa riqueza havia um livro. A princípio não o havia visto, pois meus olhos estavam absorvidos por outros objetos; mais tarde, porém, ao descobri-lo, tomei-o rapidamente na mão e o contemplei com olhares curiosos. Trazia na capa um quadro: duas figuras extravagantes. Um homem alto e delgado que levava uma velha armadura demasiado pequena para ele e montava um velho cavalo tão magro como o dono; ao lado do primeiro ginete ia, montado em um asno cinzento, um homem pequeno e gordo. O título do livro era: História do engenhoso fidalgo Don Quixote de la Mancha. Aquela noite contemplei apenas as figuras do livro — era uma edição

ilustrada para crianças — mas não li nem uma palavra. Na manhã seguinte me entreguei ao meu tesouro literário. Fazia um frio espantoso em casa; não havia lume porque minha mãe dormia ainda. Cuidadosamente desci da cama, peguei o livro e tornei a meter-me nela entre os frios lençóis. E comecei a ler. A princípio a história não me produziu grande impressão; logo depois, porém, quando cheguei às façanhas heróicas do nobre fidalgo, eu não contive o riso. “Que louco! — pensei — Até um cego poderia ver que se trata de moinhos de vento e não de gigantes. Estranhava-me que não se importasse com as palavras razoáveis do prudente Sancho!” E eu experimentava um verdadeiro prazer quando lhe quebravam as costelas. Mas logo nasceu em meu coração outro sentimento: a compaixão. Eu imaginava a figura de mártir do valente cavaleiro e seus lábios ensangüentados e me indignei porque o tratavam tão mal. “É um louco; não sabe o que faz! Por que maltratá-lo tanto?”

Voltei a ler o livro com freqüência, até que o perdi um dia no bosque. Sentia-o muito, mas as crianças esquecem facilmente e eu também esqueci a pouco e pouco a Don Quixote, a Sancho Pança, a Rocinante, à formosa Dulcinéia del Toboso. Passaram-se os anos. O idealismo tormentoso da juventude me abraçou também a mim com toda a veemência de sua força. Nesse formoso período voltei a ler pela segunda vez Don Quixote. Havia caído por causalidade em minhas mãos e desde então já não me separei dele.

Eu não poderia afirmar que me tenha sentido entusiasmado por ele nos primeiros tempos. Ainda via nele um cego fantaseador, vítima inconsciente de uma idéia fixa; contudo lia-o com sumo agrado, porque a esplêndida arte narrativa de Cervantes me produzia uma forte impressão. Então compreendi também contra quem havia dirigido sua obra imortal, o grande espanhol; algumas coisas somente me eram incompreensíveis: eu não percebia ainda o Rocinante, que eu mesmo montava e ainda não me dava conta de que eu estava também enamorado da imorredoura Dulcinéia del Toboso. Agora sei muito bem que cada um de nós cavalga em seu próprio Rocinante e está enamorado de alguma Dulcinéia e, para dizer a verdade, alegro-me de que seja assim... Mas então ignorava tudo isso. Don Quixote era um dos meus favoritos, mas na realidade só era um hóspede para mim.

E novamente transcorreram meses e anos. Eu abracei a vida e a beijei com todo o idealismo, com toda a força da juventude. Em minha mente se refletiam quadros sublimes, quadros de felicidade e de amor, de um futuro grandioso e belo. E neste período me visitava amiúde um hóspede estranho, desconhecido; chegava ao anoitecer, quando a obscuridade se estendia lá fora, e levava sempre a mesma capa negra sobre os ombros secos. Sua visita nunca era prolongada. Vinha, contemplava-me com olhos frios e cruéis, em seus lábios finos e pálidos aparecia um sorriso de desprezo e não pronunciava uma única palavra. Cada vez que me visitava eu sentia uma punhalada no coração: não o queria, mas tampouco o odiava. Eu esperava sempre que me falasse; às vezes até movia os lábios como se me quisesse dizer alguma coisa, mas eu nada compreendia. Logo deixou de vir por algum tempo. Mas uma noite voltou de novo e esta vez sim, falou-me. “Louco, para que?” — isso foi tudo o que disse, e logo partiu. “Louco, para que?” Estas palavras ardiavam em minha alma como um fogo infernal, ressoavam constantemente em meus ouvidos, causando-me muitos momentos amargos e dolorosos. Qual, é o sentido dessas palavras? — perguntava-me. E de repente me apareceu a cara conhecida, com os olhos frios e impiedosos, os lábios finos e pálidos e o eterno sorriso de desprezo... E perdia o valor de achar uma resposta à minha pergunta.

Em certa ocasião, era no inverno, voltei para casa altas horas da noite. Havia ido ver Hamlet e a obra formidável do genial inglês impressionou os sentimentos mais recônditos de minha alma. Eu sentia tanta amargura em meu coração, estava eu tão triste e melancólico, que quase ia a romper em choro. Sentado ante minha mesa, volvi a ouvir as palavras terríveis que tanto me haviam torturado e que me eram tão odiosas: “Louco, para que?” Desesperado, tomei do livro: era o primeiro tomo de Quixote. Nobre cavaleiro da Mancha, podes imaginar quão agradecido te fico? A

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

